

Série: Desafios do Crescimento

# CRESCER DÓI?!

*Cláudia Carvalho*

*Cláudia Zacarias*

# CAPÍTULO 2º

## PUBERDADE: UMA PONTE ENTRE A INFÂNCIA E A TRANSIÇÃO ADOLESCÊNCIA.



*“Esta planta gostaria de crescer e ao mesmo tempo ser embrião.  
Aumentar e, contudo, escapar do destino de tomar forma.”*

*Richard Wilbur (1921)*

As fases existenciais e os períodos transitórios são etapas do crescimento que se interconectam, possibilitando um desenvolvimento gradual e contínuo. Tudo ocorre dentro de um encadeamento, sendo a etapa anterior decisiva para a próxima. Como já abordado na obra “Prisioneiros da Infância”, cada período comporta tarefas, metas, desafios e necessidades a serem cumpridas para que o amadurecimento ocorra.

Nesse percurso, temos momentos-chave em que maiores oscilações acontecem, Exemplo disso é a puberdade, intervalo de tempo que demarca a saída da infância e entrada na transição adolescência. Esses momentos considerados de trânsito ou passagem são tão significativos quanto complexos e merecem atenção especial.

Transitar, no sentido do termo, significa passar de um lugar, assunto, tom ou estado para outro. Implica mover-se “através de”, penetrar, morrer, tolher-se (de medo), segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

A simples definição do termo deixa claro que as etapas transitórias são pontos de mutação marcados pela desconstrução e reconstrução, quando um novo estágio deve incorporar o anterior numa progressiva linha de desenvolvimento. Toda transformação envolve uma série de mudanças que são precedidas por momentos de caos e desconstrução.

A vida, obedecendo ao princípio da impermanência, modela-se a partir de sucessivas transformações, ficando o caráter de morte e renascimento profundamente impresso nessas circunstâncias. É como se em cada transição ocorresse uma “pequena morte” seguida pelo “renascimento” em nova condição.

Jean Piaget (1976), epistemólogo suíço, considerado o maior expoente do estudo do desenvolvimento cognitivo e cujo trabalho contribuiu significativamente na área da educação e da psicologia, considerou que o desenvolvimento humano se dá por estágios ou períodos. Suas pesquisas e estudos apontam que o progresso da inteligência ocorre através de um processo contínuo que ele classificou como equilíbrio e desequilíbrio.

Segundo o autor, é a desacomodação que gera o desenvolvimento. Quando um indivíduo entra em contato com algo novo, naturalmente ocorre o desequilíbrio e a consequente necessidade de retomar a condição de estabilidade. Inicia-se, então, um movimento de assimilação do “novo” às referências informativas já constituídas na estrutura cerebral, mas a instabilidade cognitiva e emocional permanecerá até que este “novo” se acomode e se torne parte integrante das estruturas já existentes.

Desta forma, Piaget (1976) deixa claro que os momentos de desequilíbrio são tão naturais quanto necessários no processo de aprendizagem e aquisição de novos conhecimentos.

A partir de sua teoria e proposições é possível considerar que o processo de transição pelas fases existenciais é igualmente exigente e marcado por instabilidades e desequilíbrios, uma vez que elementos da fase posterior do desenvolvimento já se prenunciam, mas ainda não foram assimilados às estruturas existentes. Portanto, é importante estar atento e oferecer apoio necessário àquele que transita e tenta ajustar-se à fase seguinte.

Daí surge para nós o questionamento: é possível obstruir o fluxo do crescimento e permanecer atrelado a uma etapa anterior do desenvolvimento?

Entendemos que o desenvolvimento do corpo fisiológico pode não se dar concomitantemente com o amadurecimento da área psicológica. Desta forma, um indivíduo cronologicamente adulto pode sentir-se e comportar-se de forma imatura (infantil), não condizente com a fase existencial em que se encontra.

No tocante à estrutura física, o corpo absorve as transformações inerentes à idade cronológica e as características infantis aos poucos desaparecem para surgimento de novos contornos e definições. Os hormônios sexuais dão mostras mais ostensivas de sua presença no corpo que passa a menstruar e ejacular. Sucessivas mudanças continuam a ocorrer, deixando claro que nada pode ser feito para impedir o processo de amadurecimento fisiológico/biológico. Por mais que se tente conter a passagem do tempo e adiar as transformações que ele opera em tudo que existe e tem forma, as leis são imutáveis e exercem ação precisa.

Os trâmites, não obstante, são outros quando se trata da área psicológica. A influência dos pais e do ambiente, os traumas e lacunas emocionais da primeira infância, o não atendimento das reais necessidades desse período de formação, entre outros fatores, podem marcar o psiquismo de tal forma que o fluxo emocional fica estancado e o amadurecimento não se efetiva em conformidade com o tempo cronológico.

Daí advém a urgência de aprofundar-se no estudo das fases existenciais e de seus períodos transitórios. Nesta obra, dedicamo-nos a investigar a Puberdade e seus desfechos na sequência do desenvolvimento, pois esta etapa pode determinar o trânsito do indivíduo para a fase adulta ou seu aprisionamento ao período infantil.

O objetivo deste trabalho não é desenvolver um estudo aprofundado sobre as mudanças fisiológicas que ocorrem na Puberdade, visto que o leitor poderá encontrá-las em literatura especializada. O nosso foco recai sobre as alterações comportamentais e sentimentais do púbere.

Puberdade vem do latim *pubertate*: sinal de pelos, barba, penugem. Como a própria etimologia sugere, inicia-se nesse período o crescimento de pelos em certas regiões do corpo, tais como axilas e zonas pubianas. Isso ocorre em função da ação hormonal que desencadeia todo o processo puberal.

Alguns autores não diferem a puberdade da adolescência, considerando a primeira como precursora da segunda. Outros reservam o termo puberdade para as modificações fisiológicas e a adolescência para as transformações psicossociais. Ao contrário dessa tendência, abordamos aqui as intensas oscilações e perturbações vividas pelo púbere.

Nosso enfoque será na etapa que antecede a menarca da menina e a primeira ejaculação do menino. Mais especificamente, é aquele instante cronológico em que a aproximação de mudanças mais intensas é pressentida e temida pelo infante, que expressa seu desconforto das mais variadas formas.

A puberdade dura em média de três a quatro anos, e é considerada um período transitório, porque abarca a parte final da infância e o início da transição adolescência. Nas meninas, ela inicia com o aumento gradual dos ovários e, nos meninos, com o crescimento de células nos testículos. Como essas mudanças não são observáveis externamente, seu despontar é medido por eventos como o aparecimento de pelos pubianos, elevação dos seios nas meninas e aumento no tamanho do pênis nos meninos.

A intensa descarga hormonal, característica desse período, pode acarretar uma explosão do crescimento, em peso e altura, e toda a estrutura corporal alterar-se rapidamente, apresentando, por vezes, um aspecto disforme. Essa aceleração do crescimento geralmente ocorre de um a dois anos antes da primeira ejaculação/menstruação, que marca o início da adolescência fisiológica.

Em geral, essas súbitas mudanças corporais provocam incômodos, perturbações e medos tão significativos que influenciam na forma de se comportar do púbere. A cota de energia gasta para equalizar um corpo que passa por aceleradas mudanças e constantes oscilações ocasiona a fadiga, a irritabilidade, as alterações de humor tão características do púbere, que tende a certo isolamento. Geralmente ele se torna mais hostil ou apático com os colegas e familiares e sente-se injustiçado e incompreendido. É comum entregar-se ao autoerotismo

e aos toques, como forma de aliviar a tensão e buscar algum conforto para a dor que está sentindo.

Na expectativa de demonstrar a intensa carga emocional que mobiliza a intimidade de um púbere, compartilhamos com o leitor a redação escrita por Nina, uma menina de quase nove anos, que na época cursava o segundo ano primário. O tema proposto pela professora foi:

## **Quem sou eu?**

*“Eu sou uma menina chata e nojenta. Sou criança e ninguém gosta de mim porque sou muito, mas muito nojenta mesmo. Sou burra, imprestável e não sei fazer nada.*

*Tenho poucos amigos e entre eles só tenho uma colega de verdade que é a Denise. Na sala, as únicas colegas são a Maria, Sheila, Clara, Silvia, Euler, Francisco e Denise*

*Eu acho que na minha sala ganho mais amor do que na minha própria casa. Meus colegas são muito mais legais comigo. A gente briga, mas daí a alguns dias a gente já está conversando de novo.*

*Eu queria que na minha casa também fosse assim. Eu gostaria que a gente conversasse, que se entendesse. Poxa, eu queria ver mais amizade no meio da gente.*

*Meu pai sai para o serviço e nem “tchau cachorro” ele dá; minha mãe, ultimamente, está muito nervosa. Meu irmão Luiz só passa perto de mim me chutando; minha irmã Lívia, que é a que eu mais admiro, me trata como um cachorro; meu irmão Marcus também pouco conversa comigo. Somente o Paulo e a minha avó me dão mais atenção e, mesmo assim, eu não sei por quê.*

*Eu sei que eu não mereço nenhum carinho da minha família, mas pelo menos um pouco de compreensão eu gostaria de ter.*

*Quando a minha irmã vai comigo ao clube, eu acho que o que ela mais quer é que eu me perca lá dentro ou que*

*eu morra afogada. Poxa, eu queria ter mais amigos, mais irmãos, porque até que irmãos eu tenho, mas eles não parecem irmãos e sim gatos e cachorros.*

*Com os primos, também não me dou tão bem como gostaria: já fui chamada de cachorra, de lixo, de criança, sem contar os tapas e empurrões que já levei. As minhas melhores primas são: Andreza, Cristina, Ana e Marina que, apesar de não ir muito com a minha cara eu vou com a dela. Das quatro primas as que eu falo e confio mais são a Cristina e a Ana. O namorado da minha prima Marina também é muito legal comigo.*

*Na família do meu pai eu só tinha a minha madrinha, mas ela se foi para encontrar com Deus. Agora a filha dela está sendo a minha professora e eu estou gostando muito.*

*Acho que eu devia morrer porque aí todos ficariam livres de mim e eu ia encontrar com a minha madrinha. Um dia todos estarão livres de mim para sempre!”.*

A expressão dessa púbere deixa visível que a puberdade é um período marcado por grande instabilidade emocional e pela predisposição para viver episódios ansiosos e depressivos.

A vergonha, o constrangimento e a timidez com as modificações visíveis do corpo também são comuns e levam a um acanhamento natural. A preocupação com a imagem, com o medo de falhar socialmente e a falta de segurança em si mesmo e no mundo, tomam conta do púbere e passam a representar seus grandes temores conscientes.

Outro fator bastante relevante nessa etapa é o tédio que habitualmente surge com o desinteresse pelas atividades até então vivenciadas de maneira prazerosa. Os jogos, desenhos, programas infantis e outras diversões, características da infância, perdem a graça e uma onda de insatisfação predomina. Nada parece bom para o púbere: as brincadeiras infantis não motivam mais e os interesses adolescentes ainda não foram despertados. Todo



tédio sentido é natural e cumpre a importante função de indicar a saturação de um estágio e a necessidade de trafegar para outro.

É esse estar “entediado”, “cheio”, “farto” dos folguedos infantis que o mobiliza a buscar as novidades do estágio posterior. Caso contrário, nenhuma criança deixaria a infância para seguir em direção ao que é incerto e duvidoso.

Apesar da saturação e da ausência de sentido presentes naquilo que já é conhecido, a incerteza do que está por vir provoca desconfiância e estado de angústia e ansiedade quase permanentes. É um salto no escuro e os questionamentos se agigantam internamente: O que eu encontrarei lá? Será que eu vou gostar? E se eu não gostar, poderei voltar?

Esta etapa do desenvolvimento também mereceu atenção especial da Antroposofia que a intitulou de Fase do Rubicão. Rubicone é o antigo nome latino de um riacho ao norte da Península Itálica, que ficou conhecido por existir um acordo entre a Província de Gália e o Território da Cidade de Roma que proibia qualquer general romano de atravessá-lo, acompanhado de suas tropas. Quando Júlio César o atravessou (49 a.C) em perseguição a Pompeu, violou o acordo e tornou inevitável o conflito armado. Segundo Suetônio, César teria proferido a famosa frase “Alea jacta est” ou “A sorte está lançada”.

A frase “atravessar o Rubicão” passou a ser utilizada para identificar uma decisão arriscada e irrevogável. Na visão antroposófica, a puberdade representa o instante em que a criança adquire uma percepção mais clara da iminência de separar-se dos pais, restando-lhe a irrevogável decisão de aceitar esse desligamento. Esse momento é marcado por um profundo sentimento de solidão e o púbere tem diante de si o desafio de caminhar para a estruturação de uma identidade própria. Ele está diante da travessia que o incita à conquista de um mundo desconhecido que o aguarda com todos os seus riscos e atrativos.

Em contato com uma púbere de nove anos, pedimos que ela descrevesse sua visão da adolescência. Muito desenvolta e

com um raciocínio aguçado para a idade, produziu o seguinte depoimento:

*“Adolescer é ruim, a gente para de brincar. É chato, tudo aquilo que a gente gostava tanto vai perdendo a graça. Ser criança é melhor; criança tem mais direitos. Os adultos gostam mais de criança e exigem muito dos adolescentes. A escola também exige mais, e tudo vai ficando mais difícil. Não pode mais brincar porque os outros ficam tirando sarro: a gente para de gostar das coisas que são boas, vai se fechando para as pessoas e querendo ficar só no computador. A gente começa a ficar com ciúmes das meninas que são mais bonitas, e dos meninos também.*

*Perde um monte de coisas para fazer. Perde o direito de fazer manha, de brincar; você pode até brincar, mas se fizer isso vão dizer: - olha aquela menina, parece que tem seis anos. Existe muito preconceito com os adolescentes. Muda muita coisa, muda o corpo e você não sabe o que te espera. Muda o jeito de sentir, você fica arrogante, triste e chato. Não sei se vou gostar de ser uma adolescente.”*

Pelo relato acima é possível ter ideia dos conflitos que antecedem a entrada na adolescência. O medo das alterações e das perdas fica evidente no depoimento, bem como a insegurança de não ser aceita pelos adultos que desastrosamente reforçam esse temor ao fazerem colocações jocosas sobre o adolescente.

Ao adquirirmos uma percepção mais dilatada desta fase do desenvolvimento, constatamos a angústia vivenciada com a chegada da puberdade. Observamos o receio das transformações que se impõem e contrapõem ao universo infantil e, talvez, o mais significativo medo: separar-se dos pais. No entanto, esta é a árdua jornada que todos devem empreender em direção à sua individualização (apartar-se dos pais) e conquista da individualização (definir-se como unidade).

Como abordamos no livro “Prisioneiros da Infância”, as primeiras matrizes de homem, de mulher, de relacionamento e

sexualidade têm como referência as figuras materna e paterna. Estas figuram como ídolos e deuses no imaginário infantil e tornam-se modelos que o infante deseja imitar.

Se imitar é um recurso natural de aprendizagem do período infantil, na puberdade é esperado o início do processo de diferenciar-se. Porém, muitos não conseguem transcender a visão infantil que possuem dos pais e, temerosos, recuam assustados, infantilizando-se, sobremaneira. A necessidade é de dar um passo à frente, mas o medo e o desconforto sentidos com os desafios do crescimento fazem com que o púbere recue.

Muitos pais, presos às próprias carências e necessidades, inconscientemente reforçam os quadros de dependência do filho. Com isso, o momento, que é exigente, torna-se ainda mais complexo e será preciso um esforço hercúleo para ir além deles.

Ouvimos de muitos púberes as seguintes indagações: “Qual a vantagem de crescer? Por que eu tenho que crescer? Crescer dói? Não vejo nada de bom em crescer, tudo é muito chato e difícil. Quero continuar criança para sempre, pois é muito melhor”.

Como o leitor pode ver, o conto infantil “Peter Pan” conseguiu captar e reproduzir a dinâmica inconsciente desse período. Os contos de fadas expressam a realidade interna do indivíduo, com suas angústias e aspirações, e traduzem, de forma simbólica, suas movimentações inconscientes. Segundo Bettelheim (1996), “o conto de fadas é o espelho onde podemos nos reconhecer com problemas e propostas de soluções que só podem ser elaboradas na imaginação”.

Passemos, então, a uma breve análise deste conto. A história inicia com a busca de Peter Pan por sua sombra. Selecionamos algumas definições da palavra sombra, no dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: indício, traço, sinal - falta de conhecimento, instrução, obscurantismo, ignorância – o que entristece, preocupa ou angustia.

Qual era a sombra de Peter Pan? O que o entristecia e angustiava? O que faltava e o mantinha na ignorância?

Podemos pensar que Peter Pan, ao procurar sua sombra, está buscando sua identidade, o conhecimento próprio, embora resista ao crescimento. O crescimento é o eixo central da história. Peter Pan vive com outros meninos “perdidos” em uma terra encantada, onde o tempo não passa e as fantasias são reais. Nesse mundo, não há pais nem mães, a dor e a morte foram banidas, e todos os desejos são magicamente realizados.

Peter Pan acredita que ser criança é muito bom e não vê vantagem alguma em tornar-se adulto. Para ele, crescer é chato e seu desejo é permanecer eternamente mergulhado no mundo infantil e lúdico.

O mito consegue traduzir, de forma sensível, o medo e a angústia de adulterecer e ter que enfrentar os inúmeros desafios e constrangimentos que o crescimento impõe, para finalmente consolidar uma identidade adulta.

É exatamente assim que muitos púberes manifestam o que estão sentindo e para evidenciar esse estado reproduzimos, abaixo, a fala de outra jovem cliente que traduz a revolta sentida em relação ao crescimento que não podia deter. Deixou bem claro que sair da infância equivalia, simbolicamente, a ser expulsa do paraíso, e em determinado momento ela externou: “Daria tudo para ficar criança para sempre; se eu for para a adolescência perco minha infância e não aceito isso. Minha infância é tudo para mim, não quero me tornar uma adolescente. Odeio tudo isto!”.

Por isso Peter Pan é um personagem fascinante para os púberes. Ele reproduz exatamente o conflito vivenciado: Crescer ou permanecer infantil?

Como ele, muitos tentam encontrar um meio de evitar as perdas e transformações inerentes ao crescimento, postergando o fechamento da etapa infantil. Na atualidade, utiliza-se a

denominação “Síndrome de Peter Pan” para descrever o adulto que receia assumir compromissos.

No desenvolvimento do trabalho terapêutico com púberes, é comum referenciar outra personagem da história de Peter Pan como recurso para encorajá-los à travessia. Wendy, personagem que é seduzida por Pan e levada para a Terra do Nunca, também se encanta com a possibilidade de permanecer eternamente criança, porém, em certo momento, decide enfrentar a realidade e crescer. Ela tem coragem de dizer adeus àquele mundo mágico e ilusório e seguir o fluxo natural da vida, assumindo suas dores. Pela ótica dessa personagem, fica implícito que obstruir o crescimento também redundaria em perdas e desajustes.

Ao longo destes anos de trabalho concluímos que existem muito mais Peter Pans que Wendys. O número daqueles que tiveram o fluxo do amadurecimento psicológico estancado é muito superior ao daqueles que conseguiram justapor a mente à realidade e ver a vida como ela é.

Os seguidores de Peter Pan acabam trilhando o caminho da fantasia e, como “eternas crianças”, projetam papai e mãe nas figuras com as quais se relacionam e passam a exigir que elas supram suas carências. Numa busca infrutífera por achar quem deles se encarregue, vão deixando rastros de dor por onde passam.

Registramos aqui o caso de uma jovem que faz acompanhamento terapêutico desde os quinze anos de idade. Atualmente, com seus dezoito anos, ela ensaiou dar os primeiros passos para deixar a “Terra do Nunca”, depois de muito resistir aos chamados do crescimento. Lentamente, foi identificando a criança interior e elaborando o luto pelo fechamento da etapa infantil, a fim de realizar, ainda que tardiamente, a transição adolescência. Como forma de obter alívio para os momentos de maior angústia, solicitamos que transcrevesse seus pensamentos e sentimentos em um diário. Seus relatos sensíveis e profundos traduzem a inquietação e perturbação

sentidas. Em atendimento terapêutico, foi possível ver seu corpo de mulher encolher e tomar a forma de uma criança assustada. Abraçada a uma almofada, ela chorou copiosamente e disse:

*- “Não quero crescer! E se meu pai não gostar mais de mim? E se ele passar a me achar sem graça? Sempre fui a menininha dele. Ele está sentindo que vou deixá-lo e fica me abraçando, querendo que eu sente em seu colo, como se quisesse aproveitar meus últimos momentos. Tenho medo de perder o amor dos meus pais e toda aquela magia de quando era criancinha. Acho que se eu crescer vou perder tudo que gosto e não vou ganhar nada em troca.”*

Em outras anotações do seu diário, ela relata:

*- “Hoje meu irmão caçula chegou de viagem e meu pai disse para minha mãe: - Como nosso filho está grande, ele é quase um homem. Eu não tenho mais aquele alemãozinho. Isso foi super triste para mim. Sabe, eu fiquei triste por ele estar crescendo, por eu estar crescendo, por meus pais estarem sentindo falta de quando éramos crianças. E o pior é que eu não posso fazer nada sobre isso.”*

A fala dessa jovem evidencia a dura batalha travada em sua intimidade. O temor das perdas, em especial, o medo de desagradar e ficar sem o afeto dos pais é um dos grandes conflitos do crescimento que pode manter a dependência infantil.

Podemos dizer que a puberdade é o período em que o adolescente está sendo gestado. E esta é uma gestação de alto risco, que demanda acompanhamento contínuo e vigilante para que o parto ocorra no tempo devido, sem obstruções e impedimentos que possam levar a um arrolhamento do período adolescente.

Alicerçar o crescimento e oferecer subsídios que realmente atendam às solicitações do crescimento é responsabilidade de todos. Porém, para que possamos atender a essa demanda, devemos já ter feito a travessia.